



Brújula
Volume 10 • Spring 2015

Topographies

Santiago Nazarian e a literatura brasileira 'underground'

Alexandre Lima
University of Texas at Austin

Santiago Nazarian é um escritor brasileiro, além de tradutor e roteirista. Publicou vários livros, entre eles *Biofobia* (2014), *Mastigando Humanos* (2013), *Feriado de Mim Mesmo* (2005), *A Morte sem Nome* (2004) e *Olívio* (2003), sua obra de estreia que lhe garantiu o Prêmio Fundação Conrado Wessel de Literatura 2003. Suas obras também foram publicadas nos Estados Unidos, na Europa (Portugal, Espanha, Alemanha, Hungria e Itália) e em quase todos os países da América Latina.

- 1) **Nos últimos 10 anos, o Brasil ganhou visibilidade internacional, não devido apenas ao crescimento econômico, mas sobretudo em relação à produção cultural. Como você avalia este período, principalmente no que diz respeito à literatura?**

É basicamente o tempo que tenho de carreira, pouco mais de dez anos. E também o momento em que a Internet se consolidou de vez no cotidiano e na produção cultural. Acho que essa foi uma ferramenta fundamental na globalização cultural; a visibilidade cultural que o Brasil tem hoje veio muito da participação massiva do brasileiro na internet. Ainda assim, já foi possível ver mudanças nesses dez anos, nem sempre positivas. Em 2003, 2004, os “novos escritores” eram uma moda nos meios de comunicação, conquistávamos um espaço “nunca antes visto”. Hoje esse espaço já retraiu um pouco – a literatura não é mais a bola da vez, até porque a internet não é mais escrita; com a banda larga se proliferaram primeiro o arquivos de áudio, depois de vídeo; agora os blogs escritos perdem espaço para os vloggers. De todo modo, o crescimento econômico, a Copa do Mundo, a questão de o Brasil ter sido o país homenageado em Frankfurt, contribuíram para trazer um holofote à literatura brasileira em geral, que começa agora a se esvaír.

- 2) **Considerado um dos autores mais importantes da atualidade no cenário literário brasileiro, definindo-se como um escritor *underground*, que flerta com o trash, o terror, o humor negro, cuja obra como um todo estaria amparada no “existencialismo bizarro”, como sua produção literária se insere e se relaciona com o contexto brasileiro dos últimos 10 anos, apesar de haver um viés autobiográfico em seu trabalho e uma tentativa de evitar temas nacionais, colocando-se como um “forasteiro” enquanto autor?**

Hum, eu contexto um pouco essa questão. Não vejo “viés autobiográfico” no meu trabalho, pelo contrário. Eu sempre procuro criar personagens que personifiquem os temas dos meus livros – eles trazem algo de mim como qualquer personagem traz algo de seu autor, mas são de outro sexo, sexualidade, idade, até espécie. Também não “tento evitar temas nacionais”. A questão é que... só por ser escritor eu já sou um forasteiro neste país de iletrados. Daí tem esse meu lado sombrio, que não é o padrão por aqui. E fui criado na classe média alta de São Paulo, numa família de artistas. Tudo contribui para que eu tenha naturalmente uma visão de *outsider*. O que eu evito é tratar de temas atuais, de questões do momento, porque afinal não sou um cronista, estou escrevendo romances, que devem naturalmente tratar de questões mais atemporais. O que eles comunicam do momento atual é algo que os estudiosos poderão dizer daqui a algumas décadas, eu não teria capacidade de identificar.

3) Como é ser um escritor no Brasil? Quero dizer, quais as dificuldades e facilidades que alguém encontra ao querer se dedicar à escrita? Qual tem sido o papel do poder público e privado, bem como do público neste processo?

Acho que existem dois modelos de “escritor bem sucedido” no Brasil. Aquele que vende bem, mas é desprezado pela academia. E o premiado pela academia, mas ignorado pelos leitores. Claro, há algumas exceções de autores e livros que conseguem seguir por essas duas vias, mas são raras. O meio literário brasileiro ainda é muito preconceituoso, provinciano, tocado por comadres. Não se costuma ver aqui fenômenos

de autores pop consistentes – como existem nos EUA e Inglaterra, por exemplo. O escritor que vende bem é sustentado basicamente por seus leitores, pelas vendas. Já o escritor de respeito é sustentado muito pelo poder público, os prêmios, os eventos literários com cachês que envolvem dinheiro público – o que considero positivo, pois é um investimento do governo e da sociedade na literatura. De toda forma, esses dois espaços – do escritor comercial e do escritor de respeito – são muito limitados para um país dessas dimensões. Eu me sinto num espaço ainda mais complicado, porque não me encaixo nem no perfil de escritor de respeito, nem de autor comercial. Tenho meu público, mas não sou um estouro de vendas. Recebo boas críticas e transito razoavelmente no meio literário, mas estou longe de ser uma unanimidade, não conquisto prêmios importantes. Então minha sobrevivência como autor *alternativo* está sempre ameaçada.

- 4) O conjunto de sua obra também possui uma visibilidade internacional, haja visto sua publicação em vários países da Europa, como Portugal, Espanha, Itália, e sua presença marcante na América Latina, como demonstra, em 2007, o reconhecimento pelo júri de *Hay Festival*, em Bogotá, como um dos autores jovens latino-americanos mais importantes. Como você explica o sucesso das abordagens temáticas na sua obra tanto no Brasil quanto no exterior, considerando que são realidades diferentes, embora muitas vezes as questões e os dramas pessoais e sociais se assemelhem?**

Sinceramente, não me considero bem sucedido no exterior. Tenho publicações, como você colocou, por muito da visibilidade da literatura brasileira lá fora e porque tenho uma ótima agente. Mas lá eu sou percebido como um autor... *underground*. Por aqui eu sempre publiquei por grandes editoras, lá eu estou no Lado B, na literatura marginal. Acho que a questão é simples. Aqui eu estou presente, tenho bons contatos e consegui levar essa literatura pretensamente marginal aos holofotes. Lá sou um animal exótico – que às vezes pode ser empalhado e exibido nas paredes de residências de gosto duvidoso.

5) Você já declarou que, como autor, procura ampliar e fazer emergir temas que foram silenciados e que pertencem às várias dimensões da realidade, sobretudo a subjetiva do ser humano, daí, mas não só por isso, o termo “existencialismo bizarro”. De que maneira você os encontra e decide se vale apenas entregar-se a eles ou não? Existe algum tema que você gostaria de abordar de maneira mais comprometida, mas que ainda não teve oportunidade ou coragem para fazê-lo?

Hum, pergunta complicada. Acho que o autor que já tem uma carreira encara seus temas de duas formas: há os temas pessoais, existenciais, aqueles que motivam o autor a escrever em si; e há os temas que ele acha importante trazer para o público, para a crítica, para o meio literário. Estando no meu oitavo livro, eu não consigo pensar apenas no que quero dizer. É inevitável refletir se o meu tema é pertinente para o momento de

minha carreira. Neste momento, por exemplo, eu achei importante me afastar dos personagens adolescentes, dos temas juvenis – porque eu estava sendo enquadrado como um autor de livros infanto-juvenis, o que limita muito o que quero e tenho para dizer. Então a crise de meia idade (do protagonista de *Biofobia*) surgiu muito naturalmente. Além disso, apesar de muitos me considerarem um autor “underground”, eu ainda acho que pego muito leve, principalmente na questão sexual. Talvez não seja o movimento mais esperto em termos de carreira, mas eu sempre quero ser mais *hardcore*, pegar mais pesado. Para mim, os livros que tocam mais fundo, que permanecem são os livros que chocam ou ofendem de alguma forma.

6) Tudo indica que você não padecerá da “maldição da obra-prima”, da qual sofreram vários autores que se viram esmagados pelo sucesso estrondoso de um de seus livros. Como você explica esta sobrevivência a cada lançamento, obtendo sucesso com obras posteriores àquelas que foram premiadas, como é o caso de *Mastigando Humanos* (2013)?

Bem, sou muito jovem como autor ainda. Seria frustrante pensar que já escrevi meu melhor livro – ou meu livro mais bem sucedido. Na verdade, meu livro mais bem sucedido (de vendas e de crítica) é mesmo *Mastigando Humanos*, que foi lançado há oito anos, mas acho que ainda tenho tempo de fazer algo mais significativo.

7) Recentemente você lançou *Biofobia* (2014). Você já possui elementos para avaliar como o livro está sendo recebido pelo público e pela crítica?

Não. O livro saiu neste final de semana. Eu mesmo nem recebi minha cota de livros.

Então não tenho ideia de como será recebido.

- 8) Para terminar, como você define o aspecto político do escritor na atualidade? Sua produção literária possui alguma bandeira? Como você vê os últimos acontecimentos no Brasil (estou me referindo às manifestações de rua que se iniciaram no ano passado)?**

Acho fundamental o escritor ter uma posição *crítica*, que passa um pouco pela política. O escritor não precisa necessariamente tratar dos temas atuais, da realidade do Brasil. Ele pode afinal ambientar seu livro num país fictício, em outro tempo. Mas acho fundamental que o bom livro traga questões, provocações sobre o papel do indivíduo, sobre as relações sociais. É isso que sempre procuro fazer no meu *existencialismo bizarro*.

Santiago Nazarian. Personal interview. May 19, 2014.